


RELATOS NA E DA LITERATURA SOBRE AS BARREIRAS AO LAZER DAS MULHERES

Recebido em: 16/03/2024

Aprovado em: 02/09/2024

Licença: 

*Vagner Miranda da Conceição*¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9778-6190>

*Júlia Rodrigues de Aguiar*²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0004-8501-7940>

RESUMO: O lazer é crucial para o desenvolvimento pessoal e social, mas as mulheres frequentemente enfrentam disparidades no tempo disponível para ele. O objetivo desse trabalho foi analisar a produção científica, com o objetivo de identificar e compreender as barreiras ao lazer das mulheres. A análise categórica do conteúdo de 17 artigos elucidou que tempo; cor e raça; recursos financeiros; gênero e sexualidade; e espaço e segurança são barreiras que tem limitado a experiência das mulheres ao lazer. Almeja-se que as conclusões deste estudo possam alimentar discussões e iniciativas que visem a criação de uma realidade mais inclusiva, que verdadeiramente permita que todas as mulheres, nas suas diversidades de possibilidades e expressão, desfrutem de experiências de lazer satisfatórias.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer. Mulher. Barreiras.

REPORTS FROM THE LITERATURE ON WOMEN'S LEISURE BARRIERS

ABSTRACT: Leisure is crucial for personal and social development, but women often face disparities in the time available for it. The aim of this study was to analyze scientific production to identify and understand the barriers to women's leisure. The categorical content analysis of 17 articles elucidated that time; race and ethnicity; financial resources; gender and sexuality; and space and safety are barriers that have limited women's leisure experiences. It is hoped that the conclusions of this study will fuel discussions and initiatives aimed at creating a more inclusive reality that truly allows all women, in their diverse possibilities and expressions, to enjoy satisfactory leisure experiences.

¹ Doutor em Estudos do Lazer (EEFFTO/UFMG). Prefeitura Municipal de Betim. Grupo de estudos e pesquisas interdisciplinares em Lazer e Educação Física (GEPILEF)

² Estudante do curso de Educação Física. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Grupo de estudos e pesquisas interdisciplinares em Lazer e Educação Física (GEPILEF)

KEYWORDS: Leisure activities. Women. Barriers.

Introdução

O lazer, assegurado como um direito social pela Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 1988), representa um componente essencial para promover o bem-estar e a qualidade de vida. Para além de oferecer momentos de relaxamento e descontração, essa dimensão desempenha um papel fundamental no equilíbrio físico, emocional e social dos indivíduos. Mais do que simples momentos de entretenimento, o lazer constitui um período de experiências que influenciam diretamente a formação humana, destacando-se como um facilitador do desenvolvimento pessoal e social (Dumazedier, 1980; Marcellino, 2006).

No Brasil, observa-se uma “rápida” e progressiva aproximação dos padrões de participação de mulheres e homens no mercado de trabalho. Entretanto, essa equiparação não se reflete de maneira equivalente na distribuição das responsabilidades domésticas e na prestação de cuidados, resultando em disparidades notáveis no tempo disponível para o lazer, uma situação que frequentemente acomete as mulheres (Bonalume; Isayama, 2018). Tais desigualdades, provenientes de diversas origens, impactam significativamente o acesso universal a essa dimensão da vida (Gomes, 2023). Essa limitação, multifacetada, pode gerar disparidades substanciais no desfrute do lazer, especialmente ao considerar as experiências específicas das mulheres.

A análise das experiências das mulheres no contexto do lazer é essencial para uma compreensão abrangente do impacto dessa dimensão na vida das pessoas. As persistentes desigualdades de gênero, que relegam as mulheres a um sistema de disparidade, têm implicações significativas. Essas implicações são evidentes no excessivo tempo dedicado a tarefas socio-domésticas e nos cuidados familiares e no

diminuto tempo dedicado ao lazer (Cunha; Carvalho, 2021; Bonalume; Isayama, 2018). O sistema de desigualdade de gênero persistente reflete-se diretamente nas oportunidades de lazer das mulheres, influenciando seu acesso, participação e aproveitamento no envolvimento com tais atividades. Compreender a relação intrínseca entre as experiências das mulheres, as disparidades de gênero e as oportunidades de lazer é fundamental para promover uma análise integral dessa dimensão vital na vida das pessoas.

As experiências de lazer divergem significativamente entre homens e mulheres, sendo moldadas por expectativas sociais relacionadas ao gênero, impondo diversas restrições em nosso cotidiano, inclusive nos momentos destinados ao lazer (Barbosa; Liechty; Pedercini, 2013). A saber, a desigualdade de oportunidades nas relações de gênero, frequentemente não recebe a devida consideração nas propostas de políticas públicas voltadas para o esporte e o lazer no Brasil (Goellner *et al.*, 2010), reverberando negativamente em barreiras que limitam, em especial, o acesso das mulheres ao lazer. A falta de abordagem dessa questão nas políticas públicas ressalta a necessidade de uma análise mais aprofundada das disparidades de gênero nos contextos de lazer, visando promover estratégias inclusivas e equitativas que considerem as diferentes experiências e expectativas, em especial, das mulheres nesse domínio.

É crucial destacar a necessidade de ampliar os estudos sobre as experiências das mulheres no contexto do lazer, abrangendo uma diversidade de vivências e considerando fatores como classe social, etnia, gênero, tempo e espaço, assim como, a relação entre esses fatores. A compreensão dessas experiências se torna fundamental, especialmente ao levar em conta as diferentes camadas sociais, grupos étnicos e variáveis de gênero que influenciam as vivências dessa população (Cunha; Carvalho, 2021). Diante desse cenário, a análise das barreiras enfrentadas por mulheres no lazer

emerge como uma empreitada essencial para promover a equidade e a inclusão. Este estudo visa analisar a produção científica especializada, com o objetivo de identificar e compreender as barreiras específicas e recorrentes que as mulheres encontram em suas experiências de lazer, reconhecendo a importância de abordar as nuances do gênero feminino nesse contexto.

A relevância deste estudo é evidenciada pela escassez de pesquisas específicas que abordem as barreiras enfrentadas pelas mulheres em suas experiências de lazer. Embora o lazer seja reconhecido como um componente essencial para o bem-estar, a falta de investigações aprofundadas sobre as particularidades femininas nesse contexto limita nossa compreensão e, consequentemente, a eficácia das políticas e práticas voltadas para a promoção da igualdade de acesso ao lazer. A ausência de estudos dedicados a essa temática contribui para a reprodução de desigualdades de gênero no âmbito do lazer, impactando negativamente a participação, a satisfação e as oportunidades das mulheres nesse domínio. Assim, esse trabalho busca preencher e/ou elucidar essa lacuna ao analisar criticamente a produção científica existente, oferecendo informações que possam potencializar reflexões, políticas e intervenções destinadas a promover a igualdade de acesso ao lazer para mulheres de diferentes contextos e identidades. Ao destacar a importância dessa pesquisa, almejamos contribuir para a construção de um entendimento mais abrangente e sensível às complexidades das experiências de lazer das mulheres, fomentando uma abordagem mais inclusiva e equitativa nesse campo.

Método

Esse trabalho de abordagem qualitativa foi construído a partir de uma revisão de literatura, que é a reunião, a junção de ideias de diferentes autores sobre determinado

tema, conseguidas através leituras, de pesquisas realizadas pelo pesquisador. A revisão da literatura é, neste sentido, a documentação feita pelo pesquisador sobre o trabalho, a pesquisa que está se propondo a fazer (Brizola; Fantin, 2017).

Para a realização dessa revisão, as palavras-chaves, e seus sinônimos, foram selecionados no DECS e/ou no DeCSMeSH: mulher, mulheres, gênero, lazer, atividades de lazer. A seleção de descritores em ambas as bases é importante para garantir a padronização, a precisão, a organização hierárquica e a riqueza semântica na busca e recuperação de informações em saúde. As bases facilitam a comunicação entre pesquisadores, a indexação precisa dos artigos e a localização de informações relevantes, contribuindo para o avanço do conhecimento na área.

Para a busca dos textos, os dois principais periódicos sobre Estudos do Lazer foram previamente selecionados: Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL) e Revista Licere. A escolha da RBEL e da Licere para fazer buscas de artigos, para além da especificidade na abordagem das temáticas nos periódicos, é justificada pelo acesso a conteúdo de qualidade, pela ampla abrangência temática nas relações possíveis com o lazer, pelo acesso gratuito, pela qualidade editorial e revisão por pares, pela atualização regular e pelo reconhecimento acadêmico dessas fontes de informação. Essas características contribuem para a obtenção de informações confiáveis e atualizadas, essenciais para pesquisas e práticas baseadas em evidências na área da saúde.

O desfecho de cada estudo selecionado foi analisado por análise categórica de conteúdo (Bardin, 2011), que é uma abordagem metodológica amplamente utilizada na pesquisa qualitativa para analisar dados textuais. Essa abordagem busca identificar, categorizar e interpretar os temas, significados e padrões presentes nos dados textuais, permitindo a compreensão aprofundada do conteúdo analisado. A análise de conteúdo de Bardin segue uma série de etapas sequenciais e sistemáticas, que envolvem a

codificação e categorização dos dados, a elaboração de inferências e a interpretação dos resultados.

Resultados

Foram realizadas, entre 27/01/24 e 16/02/24, 12 buscas utilizando as palavras chaves de forma combinadas. As mesmas buscas foram realizadas nas bases das duas revistas. No total, foram encontrados 147 textos completos, que após leitura de título e resumo, totalizaram 103 textos. Após eliminação das duplicidades e leitura completa, foram selecionados para compor esse estudo 17 artigos, sendo nove da revista *Licere* e oito da RBEL (TABELA 1).

Tabela 1: Textos selecionados

Autor (ano)	Revista	Título
Goellner <i>et al.</i> (2010)	<i>Licere</i>	Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades
Barbosa, Liechty e Pedercini (2013)		Restrições ao lazer feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais
Tejera, Sousa e Sampaio (2013)		As relações de gênero na opção de lazer de pessoas atuantes em cooperativas de trabalho
Silvestre e Amaral (2017)		O lazer dos professores da rede estadual paulista: uma investigação comparativa entre os gêneros
Meyer e Silva (2020)		Gênero, cultura e lazer: potências e desafios dessa articulação
Cunha e Carvalho (2021)		Os estudos sobre as mulheres no lazer nos periódicos <i>Licere</i> e RBEL
Pereira e Couto (2021)		Interfaces trabalho e lazer: um estudo com jovens aprendizes no contexto do Programa Educação e Trabalho (PET)
Dores <i>et al.</i> (2021)		Rompendo os silêncios sobre o perfil do lazer da população negra no Brasil
Wedig <i>et al.</i> (2020)		Sociabilidade e lazer entre mulheres camponesas: vivências no clube de mães
Pinto e Almeida (2014)	RBEL	As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol
Bonalume e Isayama (2018)		As mulheres na pesquisa <i>o lazer do brasileiro</i>
Montenegro e Isayama (2019)		O lazer e a cidade: o olhar dos professores universitários no Pará e Amapá
Rodrigues e Pontes (2020)		Mensuração do nível de satisfação de usuários de parques urbanos de Belém do Pará
Soutto Mayor <i>et al.</i> (2020)		Barreiras de acesso ao lazer das mulheres segundo raça/cor e classe social nas regiões sudeste e nordeste do Brasil
Bonalume (2022)		O lazer das mulheres: uma ação política
Tavares <i>et al.</i> (2022)		Atividades físicas no lazer: uma análise preliminar sobre os marcadores sociais da diferença
Moreira e Couto (2023)		Mulheres e <i>e-sports</i> : um olhar à luz das motivações e discriminações

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após leitura e análise dos textos selecionados, foram identificadas categorias que encapsulam as principais informações relacionadas à não participação das mulheres nas experiências de lazer: as barreiras. As categorias, organizadas no intuito de destacar as informações centrais de cada temática, são as seguintes: a) tempo; b) cor e raça; c) recursos financeiros; d) gênero e sexualidade; e e) espaço e segurança.

A análise das barreiras ao lazer identifica fatores já reconhecidos nos Estudos do Lazer, como tempo, cor e raça e recursos financeiros. No entanto, destaca-se a relevância de outros elementos nos contextos específicos da experiência das mulheres, notadamente gênero e sexualidade; e espaço e segurança. Importa ressaltar que essas barreiras não são isoladas, apresentando permeabilidade e um diálogo intercambiável entre si.

A apresentação distinta de cada uma busca proporcionar uma compreensão abrangente e integrada das diversas facetas que envolvem as limitações femininas no contexto do lazer. Esse enfoque permite a análise das interações complexas entre esses fatores, contribuindo para uma compreensão integral das dinâmicas que moldam as experiências de lazer das mulheres.

Tempo

A análise de Cunha e Carvalho (2021), das barreiras de acesso ao lazer, a partir do livro "Lazer no Brasil", destaca a relevância das limitações de tempo e recursos financeiros, com a falta de tempo sendo uma das barreiras mais citadas pelas mulheres. Goellner *et al.* (2010) identificaram que a escassez de tempo, especialmente devido ao trabalho fora de casa e aos cuidados familiares, é uma preocupação predominante entre as mulheres. A influência dessas barreiras transcende a mera restrição de acesso, afetando tanto a quantidade quanto a qualidade do tempo dedicado ao lazer.

Silvestre e Amaral (2017) revelaram disparidades de gênero significativas nesse contexto, indicando que as mulheres dedicam menos horas ao lazer em comparação aos homens. Essa discrepância na distribuição do tempo de lazer entre os gêneros aponta para desigualdades fundamentais que permeiam as experiências de lazer. A compreensão dessas barreiras e disparidades é essencial para promover estratégias inclusivas que abordem não apenas o acesso ao lazer, mas também a equidade na distribuição do tempo de lazer entre homens e mulheres.

A análise regional das barreiras ao lazer destaca a complexidade das experiências das mulheres, evidenciando disparidades significativas, principalmente em relação à barreira do "tempo". Na região nordeste, os dados revelam que 4,5% das mulheres brancas, 3,4% das mulheres pretas e 10,2% das mulheres pardas indicam a limitação de tempo como um obstáculo para o lazer. Contrastando com a região sudeste, observa-se uma maior proximidade nos valores, com 21,8% das mulheres brancas, 20,2% das mulheres pretas e 15,2% das mulheres pardas enfrentando essa barreira (Soutto Mayor *et al.*, 2020). Intrigantemente, mesmo ao considerar diferentes filtros, como classe social, a barreira do "tempo" persiste com maior frequência na região sudeste.

Essa tendência também se alinha aos dados relacionados às jornadas de trabalho mais extensas enfrentadas por mulheres negras, conforme indicado por Dores *et al.* (2021). Essa correlação entre a disponibilidade de tempo para o lazer e as condições de trabalho sugere que as mulheres negras enfrentam não apenas desafios regionais, mas também estruturais, impactando diretamente a quantidade de horas dedicadas a atividades de lazer. Essas constatações ressaltam a importância de abordagens integradas e específicas para superar as barreiras regionais e estruturais que limitam o acesso igualitário ao tempo de lazer.

Encarar as barreiras de acesso ao lazer sob uma perspectiva crítica revela a complexidade intrínseca das experiências das mulheres e a necessidade urgente de abordagens mais inclusivas. A escassez de tempo, apontada como uma barreira preponderante, reflete as realidades enfrentadas por mulheres, especialmente devido a responsabilidades laborais e familiares. Estudos de Goellner *et al.* (2010) e Silvestre e Amaral (2017) destacam a desigual distribuição do tempo de lazer entre os gêneros, expondo disparidades fundamentais. A análise regional de Soutto Mayor *et al.* (2020) e racial de Dorés *et al.* (2021), particularmente na comparação entre as regiões nordeste e sudeste, evidencia não apenas desafios regionais, mas também estruturais, relacionados às jornadas de trabalho extensas enfrentadas por mulheres negras. A persistência da barreira do "tempo" mesmo após considerar diferentes filtros ressalta a necessidade de estratégias integradas para superar desigualdades sistêmicas. Diante desse cenário, torna-se imperativo adotar medidas específicas que não apenas possibilitem o acesso ao lazer, mas também abordem a equidade na distribuição do tempo para com essas experiências. Essa reflexão enfatiza a importância de políticas públicas (TAVARES *et al.*, 2022) e práticas sociais que considerem as interseccionalidades, reconhecendo e enfrentando as barreiras regionais e estruturais que impactam diretamente a participação feminina nas atividades recreativas.

Cor e Raça³

A abordagem do lazer no contexto das mulheres pretas ainda é pouco expressiva nas investigações, revelando um cenário em que há um número limitado e pouco expressivo de estudos dedicados a essa demografia específica (Lira *et al.*, 2011; Viana, 2013; Pisani, 2014). Além disso, muitos trabalhos negligenciam a operacionalização da

³ Os termos preta/o e negra/o são expressos aqui tal como em cada estudo de origem.

categoria cor/raça, tratando as mulheres como um grupo homogêneo nas práticas de lazer (Scochi *et al.*, 2004; Garcia, 2005; Alves; Trovó; Nogueira, 2010). A escassez de pesquisas que se debruçam sobre o lazer das mulheres pretas aponta para uma lacuna significativa no entendimento das experiências específicas desse grupo. Essa falta de representação pode perpetuar estereótipos e generalizações, ignorando a diversidade de vivências e necessidades dentro dessa comunidade. Portanto, há uma necessidade premente de ampliar e aprofundar as investigações, adotando uma abordagem mais sensível às nuances da interseccionalidade, a fim de oferecer compreensões mais abrangentes e informar políticas e práticas inclusivas no contexto do lazer (Soutto Mayor *et al.*, 2020).

As desigualdades de gênero e racial nos rendimentos, conforme evidenciadas por Dorez *et al.* (2021), destacam a persistente disparidade salarial enfrentada pelas mulheres negras, que geralmente recebem uma média salarial inferior tanto em comparação aos homens, independentemente da raça, quanto em relação às mulheres brancas. Essa disparidade salarial não apenas reflete um cenário de injustiça econômica, mas também impacta diretamente as escolhas de lazer e o acesso a determinadas experiências. Mulheres negras enfrentam limitações significativas em sua capacidade de consumo, condicionando seu tipo de acesso ao lazer de acordo com a condição socioeconômica. Essas restrições financeiras podem resultar em menos oportunidades para participar de atividades culturais, turísticas e recreativas, contribuindo para uma experiência de lazer mais restrita e menos diversificada.

Nesse contexto, Dorez *et al.* (2021) destacam que a disparidade salarial se torna uma barreira substancial para o usufruto pleno do lazer, especialmente para as mulheres negras, as mais empobrecidas e com menor escolaridade. Bonalume (2022) amplia essa discussão ao abordar a ausência absoluta de contato dessas mulheres com o direito ao

lazer e o desconhecimento acerca das opções disponíveis, especialmente no contexto de atividades artísticas e culturais. A precariedade das condições de vida e as práticas excludentes privam as mulheres de oportunidades para vivenciar, usufruir e conhecer uma variedade de opções de lazer. Essa conjuntura ressalta a necessidade urgente de abordagens mais equitativas e inclusivas nas políticas públicas de lazer, considerando as interseccionalidades que permeiam as experiências das mulheres em diferentes estratos sociais.

Diante da sub-representação nos Estudo do Lazer, as mulheres pretas se encontram em uma encruzilhada de desigualdades, onde a ausência de pesquisas dedicadas a essa demografia específica perpetua estereótipos e generalizações. A negligência na operacionalização da categoria cor/raça contribui para a invisibilidade das experiências únicas dessas mulheres, ignorando a complexidade das vivências e necessidades dentro dessa comunidade. A interseccionalidade, abordada por Soutto Mayor *et al.* (2020), emerge como uma ferramenta essencial para desvendar as nuances subjacentes às interações entre gênero e raça no contexto do lazer. Paralelamente, as desigualdades salariais evidenciadas por Dorez *et al.* (2021) revelam não apenas uma disparidade econômica, mas também uma barreira substancial ao pleno desfrute do lazer para as mulheres negras. As limitações financeiras impostas por salários mais baixos condicionam o acesso a experiências de lazer, perpetuando uma restrição significativa na variedade e qualidade do lazer desfrutado por essa parcela da população. A urgência de abordagens mais equitativas nas políticas públicas de lazer se destaca, exigindo não apenas a correção das disparidades salariais, mas também a criação de oportunidades inclusivas que reconheçam e valorizem as distintas vivências das mulheres negras em diferentes estratos sociais.

Recursos Financeiros

A interseção das desigualdades de gênero e raciais nos rendimentos revela um quadro complexo e interconectado, influenciando diretamente o acesso das mulheres ao lazer. Os dados destacados por Dores *et al.* (2021) sobre as disparidades salariais e de gênero enfatizam particularmente a situação desafiadora enfrentada pelas mulheres negras. Essas desigualdades salariais não apenas refletem diferenças econômicas, mas também estão intrinsecamente ligadas à capacidade de consumo, ao tempo disponível para o lazer e aos tipos de acesso a tais atividades.

Ao analisar a barreira relacionada a "dinheiro/recursos financeiros", Soutto Mayor *et al.* (2020) evidenciaram distinções regionais significativas. No nordeste, 19,7% das mulheres pretas indicam essa barreira, contrastando com 7,9% das mulheres brancas. Na região sudeste, 17,9% das mulheres pretas sinalizam a limitação financeira, enquanto 11,9% das mulheres brancas destacam essa barreira. Mulheres pardas, em ambas as regiões, também apresentam valores mais elevados em comparação com mulheres brancas. Esses números ilustram claramente como as desigualdades raciais se manifestam nas experiências de lazer, onde fatores econômicos impactam de maneira desproporcional as mulheres negras, limitando suas experiências de lazer.

A complexidade das interseções entre desigualdades de gênero e raciais nos rendimentos delineia um quadro desafiador, com implicações diretas no acesso das mulheres ao lazer. Os dados apresentados por Dores *et al.* (2021) ressaltam a situação particularmente difícil enfrentada pelas mulheres negras, destacando não apenas disparidades econômicas, mas também sua estreita ligação com a capacidade de consumo, tempo disponível para o lazer e os diferentes modos de acesso a essas atividades. Ao examinar a barreira relacionada a "dinheiro/recursos financeiros", surgem distinções regionais e raciais marcantes, evidenciando como as mulheres negras

enfrentam desafios desproporcionais nas experiências de lazer, moldadas por fatores econômicos. Os números expressam claramente como as desigualdades raciais se refletem nesses contextos, restringindo as oportunidades recreativas das mulheres negras de maneira significativa.

Dessa forma, a conexão entre desigualdades salariais, de gênero, raciais e as barreiras percebidas de "dinheiro/recursos financeiros" destaca a necessidade premente de abordagens abrangentes para enfrentar essas disparidades estruturais. Superar tais barreiras vai além de garantir salários justos; exige uma transformação profunda nos sistemas econômicos e sociais. Promover a igualdade de oportunidades para que todas as mulheres possam desfrutar plenamente de seu tempo de lazer, demanda ações que confrontem sistematicamente as raízes das desigualdades, garantindo que políticas públicas sejam construídas sobre alicerces que reconheçam e eliminem as barreiras estruturais que perpetuam as disparidades.

Gênero e Sexualidade

As diferenças na compreensão de lazer entre gêneros apontam para padrões distintos de vivência do tempo livre, elucidando diferenças nas vivências de lazer entre homens e mulheres (Barbosa; Liechty; Pedercini, 2013; Pinto; Almeida, 2014; Silvestre; Amaral, 2017; Rodrigues; Pontes, 2020; Soutto Mayor *et al.*, 2020; Bonalume, 2022; Tavares *et al.*, 2022; Wedig *et al.*, 2020). Homens frequentemente destacam a diversão e ação como elementos centrais do lazer, enquanto mulheres associam mais frequentemente suas experiências de lazer às atividades realizadas no ambiente doméstico e à busca por tranquilidade (Goellner *et al.*, 2010).

Essa divergência sugere a existência de construções sociais e culturais que moldam as percepções individuais sobre o que constitui uma experiência de lazer

significativa. Além disso, as distinções de gênero nas atividades de lazer, com as mulheres mais envolvidas em tarefas domésticas e os homens direcionando suas atividades para a diversão e o esporte, refletem a persistência de normas de gênero arraigadas na sociedade (Goellner *et al.*, 2010). Essa dicotomia ressalta a importância de uma abordagem crítica e reflexiva na promoção de experiências de lazer mais igualitárias, considerando e desafiando as construções sociais que limitam a diversidade de vivências no tempo livre.

Historicamente, a Educação Física foi - e tem sido - influenciada por normas de gênero que ditam práticas esportivas distintas para homens e mulheres, resultando na segregação de ambos em atividades físicas consideradas socialmente apropriadas para seus respectivos gêneros, independentemente da classe social (Goellner *et al.*, 2010). Essa abordagem contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero, moldando identidades esportivas de acordo com normas socialmente determinadas. Um exemplo emblemático desse fenômeno, exporto por Bonalume (2022), ocorreu no contexto do futebol no Brasil, onde a proibição das mulheres praticarem esportes considerados "incompatíveis com as condições de sua natureza" foi estabelecida pelo Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941, durante o governo de Getúlio Vargas. Esta proibição, que permaneceu em vigor até 1983, incluiu explicitamente o futebol entre os esportes considerados masculinos (Brasil, 1941). Essa regulamentação destacou a necessidade de uma conduta politizada, influenciando significativamente a participação feminina no futebol e evidenciando a carga histórica que carregamos em relação às normas de gênero no cenário esportivo.

A segregação de atividades físicas com base no gênero não apenas limita as oportunidades de participação em esportes, mas também reforça uma dicotomia prejudicial, perpetuando a ideia de que certas atividades são mais adequadas para

homens ou mulheres, também, na vivência do lazer. Portanto, é essencial uma reflexão sobre essas práticas, buscando promover ambientes sociais mais inclusivos e igualitários, que reconheçam e valorizem a diversidade de interesses e habilidades, independentemente do gênero.

Na contemporaneidade, as construções sociais baseadas em cisgênero e heteronormatividade exercem uma influência significativa, moldando os conhecimentos tidos como verdadeiros (Meyer; Silva, 2020). No contexto da produção de sentidos sobre sexualidade e gênero no âmbito do lazer, as práticas de entretenimento são intrinsecamente conectadas às normas sociais preexistentes. A compreensão desses sentidos atribuídos à sexualidade e ao gênero no contexto do lazer revela a permeabilidade das estruturas normativas em diversos aspectos da vida. Tais perspectivas não apenas refletem, mas também contribuem para a reprodução de ideias preconcebidas, muitas vezes restringindo a expressão e vivência plena de diferentes identidades e orientações sexuais. Uma análise desses padrões é crucial para promover ambientes de lazer mais inclusivos e respeitosos da diversidade, desafiando as normas que historicamente têm moldado as experiências individuais e coletivas.

A vergonha e os estereótipos de gênero desempenham papéis significantes na configuração de atitudes preconceituosas e discriminatórias nas esferas das atividades físicas e de lazer, delineando claramente espaços frequentados por diferentes sexos (Goellner *et al.*, 2010). A influência da identidade de gênero parece manifestar-se de maneira notável no tipo de atividade realizada, resultando em estigmatização em determinados contextos (Tejera; Sousa; Sampaio, 2013). Essa estigmatização, por vezes, reflete um padrão de preconceito de gênero, onde estereótipos são associados a práticas consideradas como "masculinas" ou "femininas," perpetuando limitações e restrições baseadas em normas sociais. Ao reconhecer e analisar esses padrões,

podemos desafiar a rigidez dos estereótipos de gênero que moldam as escolhas e experiências nas atividades de lazer.

O enfrentamento de resistência e preconceito por mulheres ao se envolverem em atividades culturalmente associadas aos homens, como o futebol, destaca uma dinâmica complexa de preconceitos reproduzidos em vários contextos (Tejera; Sousa; Sampaio, 2013). Essa resistência muitas vezes tem suas raízes nas percepções de gênero perpetuadas pelos pais, como evidenciado em casos em que mães podem não permitir que suas filhas participem de atividades como o futebol, associando erroneamente essas práticas como exclusivas aos homens (Goellner *et al.*, 2010). Segundo Bonalume (2022), jogar futebol para mulheres está para além da mera diversão masculina, representando um posicionamento político, uma vez que essa prática é permeada por discussões e debates sobre igualdade de gênero e empoderamento feminino.

A divisão nas práticas esportivas não se restringe apenas ao binarismo de gênero, abrangendo também a habilidade motora como fator influente na participação. A associação de determinadas atividades a estereótipos de masculinidade ou feminilidade pode resultar em evasão e preconceito, contribuindo para a reprodução de normas de gênero rigidamente definidas (Goellner *et al.*, 2010). No contexto específico do futebol, observa-se a presença de estereótipos que geram constrangimento para as meninas, que podem se sentir inibidas pela observação masculina, além de enfrentarem rótulos que perpetuam a ideia de que as mulheres são menos habilidosas nesse esporte. A predominância masculina no futebol reforça dinâmicas de gênero que, em alguns casos, limitam a participação plena e igualitária de mulheres, destacando a necessidade de abordagens inclusivas que desafiem esses estereótipos e proporcionem ambientes esportivos mais equitativos. Essa reflexão destaca a importância de ir além da análise da divisão por gênero, considerando outras dimensões, como habilidade motora, para

promover uma participação mais diversificada e igualitária nas atividades físicas e esportivas.

Nos esportes eletrônicos, a participação das mulheres também é afetada por estereótipos e desafios de desempenho que permeiam a cultura gamer. A identidade de mulher gamer é, muitas vezes, preconceituosamente associada a supostas limitações no desempenho nos jogos, destacando um viés de gênero prejudicial (Moreira; Couto, 2023). As expectativas arraigadas em papéis de gênero alimentam estereótipos persistentes, sugerindo erroneamente que as mulheres são inerentemente menos habilidosas em videogames (Consalvo, 2012; Zolides, 2015; Schelfhout; Bowers; Hao, 2019). Além disso, os esportes eletrônicos refletem padrões de dominação masculina, criando um ambiente onde as mulheres são percebidas como estranhas e frequentemente submetidas a tratamento hostil e tóxico (Moreira; Couto, 2023). A valorização da masculinidade hegemônica nesse contexto contribui para a criação de barreiras significativas, perpetuando a estigmatização das mulheres nos esportes eletrônicos (Nash, 2017). Esse cenário evidencia a necessidade de desafiar e transformar as normas de gênero arraigadas na cultura gamer, promovendo um ambiente mais inclusivo e equitativo para as mulheres nos esportes eletrônicos.

A participação feminina em atividades tradicionalmente consideradas "masculinas", como futebol, esportes eletrônicos, capoeira e jiu-jitsu, evidencia a existência de distinções de gênero nas práticas de lazer (Goellner *et al.*, 2010; Moreira; Couto, 2023). Essa busca por envolvimento em espaços historicamente dominados por homens não ocorre sem desafios, enfrentando ameaças, hostilidades e constrangimentos que dificultam a transposição da esfera virtual e do interesse para a apropriação dos lugares de efetivação dessas práticas.

Essas reivindicações têm desencadeado, ainda, reflexões significativas e ampliado a visibilidade do debate sobre a homofobia e o machismo como fatores segregadores, que criam obstáculos à participação de mulheres e membros da comunidade LGBTQIAPN+ no contexto esportivo, em particular no futebol. Essas reivindicações buscam o reconhecimento e respeito às múltiplas subjetividades, representando um passo crucial para a construção de uma sociedade mais igualitária. A análise dessas dinâmicas ressalta a importância de superar as barreiras de gênero no acesso a atividades consideradas tradicionalmente masculinas, contribuindo para a transformação de normas e práticas discriminatórias no cenário esportivo e de lazer (Pinto; Almeida, 2014).

A prática esportiva, como no caso de frequentar aulas de capoeira, é atravessada por questões relacionadas à identidade sexual, evidenciando a persistência do preconceito e discriminação com base na identidade de gênero (Goellner *et al.*, 2010). Além das barreiras enfrentadas por mulheres em geral, lésbicas se deparam com desafios específicos relacionados à sua sexualidade, sendo alvo de estereótipos associados à homossexualidade, em geral, e ao lesbianismo, em particular (Barbosa; Liechty; Pederzini, 2013). Essas experiências destacam a necessidade de abordagens mais inclusivas e sensíveis à diversidade nas práticas esportivas, reconhecendo e enfrentando as complexas interseções entre identidade sexual, preconceito e participação no lazer. A promoção de ambientes esportivos mais acolhedores e respeitosos contribuirá para uma experiência mais enriquecedora e harmoniosa para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual.

Espaço e Segurança

O espaço destinado ao lazer é um cenário que, simultaneamente, é generificado e generificador, influenciando e reproduzindo comportamentos, ações, discursos e práticas distintas para homens e mulheres. Essas discrepâncias reafirmam representações hegemônicas de masculinidades e feminilidades (Goellner *et al.*, 2010). No contexto mais amplo de questionamentos sobre gênero, corpo e lazer, percebe-se que o gênero desempenha um papel crucial ao atribuir significados às diferenças corporais, levantando questões fundamentais em áreas como educação, esporte e lazer (Meyer; Silva, 2020). As diferenças significativas na escolha de atividades entre homens e mulheres, conforme observado por Tejera, Sousa e Sampaio (2013), não são apenas reflexo das expectativas culturais associadas a cada gênero, mas também uma manifestação da socialização de gênero que permeia o espaço de lazer. Essa análise ressalta a necessidade de questionar e desafiar as normas de gênero que moldam o uso e a ocupação do espaço de lazer, promovendo ambientes mais inclusivos e equitativos para homens e mulheres.

Esses padrões discriminatórios também se refletem em espaços de lazer específicos, como observado em uma pesquisa realizada com frequentadores do Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC) em Porto Alegre e Rio de Janeiro, onde homens evitavam aulas de danças por considerá-las práticas femininas, enquanto mulheres que optavam pelo futebol muitas vezes enfrentavam restrições, utilizando quadras improvisadas em horários menos frequentados (Montenegro; Isayama, 2019). Esses exemplos ilustram a necessidade de desafiar e transformar as normas de gênero arraigadas, tanto em contextos familiares quanto em espaços de lazer, para criar ambientes mais inclusivos e igualitários.

Os índices de satisfação em relação ao ambiente de lazer revelam disparidades significativas entre homens e mulheres, destacando a sensação de segurança como um fator crucial na experiência desses espaços (Rodrigues; Pontes, 2020). A análise aponta que as mulheres, em comparação aos homens, apresentam índices menores de satisfação, sendo influenciadas pela variabilidade da sensação de segurança, a qual pode ser impactada pela localidade e região em que realizam atividades físicas ou de lazer.

Esse diferencial de percepção é particularmente evidente, uma vez que as mulheres atribuem maior importância à segurança ao praticarem atividades físicas ou de lazer, em comparação aos homens. Além disso, independentemente do grau intrínseco de segurança dos parques, as mulheres se sentem menos seguras em relação ao público masculino. Essa insatisfação se estende a parques localizados tanto em regiões centrais quanto periféricas, indicando que a questão da segurança é central na avaliação das mulheres em relação à localização desses espaços de lazer (Rodrigues; Pontes, 2020). Essas constatações ressaltam a importância de considerar e abordar as preocupações específicas de segurança das mulheres na formulação de estratégias para o desenvolvimento de ambientes de lazer mais inclusivos e igualitários.

O cenário dos esportes eletrônicos é amplamente marcado por hostilidade e discriminação, destacando-se a ênfase na masculinidade como elemento central desse ambiente (Schelfhout; Bowers; Hao, 2019; Moreira; Couto, 2023). As mulheres, como resultado, são frequentemente alvo de constrangimentos relacionados a diversos fatores, contribuindo para a configuração de um espaço menos acolhedor e consequentemente não seguro. Este cenário suscita reflexões críticas sobre as normas de gênero arraigadas nesse contexto, levantando a necessidade de abordar e superar essas questões para promover uma participação mais inclusiva e equitativa das mulheres nos esportes eletrônicos. A compreensão dessas dinâmicas é crucial para a implementação eficaz de

medidas que possam transformar significativamente a cultura desses espaços, tornando-os mais acessíveis e justos para todas as pessoas, independentemente do gênero.

A busca por espaços confortáveis de lazer também é uma realidade para mulheres homossexuais que, muitas vezes, enfrentam o temor do julgamento por parte de heterossexuais e a discriminação por parte da comunidade gay. Essas mulheres deparam-se com dificuldades e restrições na utilização de espaços públicos, moldadas por discursos e ideologias que estabelecem relações de poder impactantes. As restrições específicas para lésbicas extrapolam as experiências no espaço público urbano e afetam suas atividades de lazer, tendo implicações diretas na saúde e bem-estar dessas mulheres (Barbosa; Liechty; Pedercini, 2013).

A generalização e estereótipos associados a lésbicas têm implicações diretas na saúde física e psicológica dessas mulheres, criando restrições específicas para suas experiências no espaço público urbano e em suas vivências de lazer (Barbosa, Liechty, Pedercini, 2013). Relacionando as práticas de lazer ao bem-estar e aos estilos de vida das mulheres, Cunha e Carvalho (2021) destacam a importância de compreender o lazer como uma fonte de aprendizado e emancipação, além de proporcionar autossatisfação e prazer. No âmbito dessas reflexões, Tejera, Sousa e Sampaio (2013) ressaltam a busca pela conscientização das pessoas sobre seu papel nas relações de poder na sociedade, reconhecendo o lazer como um direito inalienável. Essa abordagem integrada enfatiza a necessidade de considerar as interconexões entre estereótipos, práticas de lazer e o impacto na saúde e no bem-estar, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das experiências das mulheres em diferentes contextos sociais.

No contexto mais amplo das desigualdades na saúde e no espaço, a falta de espaços adequados para a vivência do lazer se apresenta como um obstáculo adicional, ao lado das barreiras relacionadas ao tempo e ao dinheiro. Essas limitações impactam de

forma desproporcional as pessoas negras, revelando uma conexão direta entre a qualidade dos espaços de lazer e a renda (Dores *et al.*, 2021). Diante desses desafios, é imperativo repensar e transformar os espaços de lazer, garantindo que sejam inclusivos, seguros e acolhedores para todas as identidades e orientações, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Nos contextos das comunidades camponesas, uma variedade de espaços de lazer, como igrejas, associações, clubes e salões de festa, desempenham um papel crucial na promoção da sociabilidade entre os residentes. Destaca-se a igreja como um centro significativo de interação social, notadamente para as mulheres, que desempenham um papel ativo na coordenação de atividades como capelinhas e catequese (Wedig *et al.*, 2020). Além disso, durante períodos eleitorais, observa-se uma interessante dinâmica no clube de mães, transformando-se em um espaço onde candidatos utilizam para apresentar suas propostas políticas, evidenciando uma interseção entre a esfera política e os espaços de sociabilidade nas comunidades rurais (Wedig *et al.*, 2020). Este contexto destaca não apenas a importância desses locais na promoção de interações sociais, mas também sua relevância como arenas para o reconhecimento público e discussões.

Ao analisar a experiência de jovens de classe popular, observa-se uma dinâmica diferente em relação ao lazer, indicando que esses jovens usufruem de atividades de lazer sem apresentar indicativos de privação em decorrência do trabalho, obrigações domésticas ou gênero (Pereira; Couto, 2021). Essa perspectiva contrapõe a narrativa de restrições associadas a fatores socioeconômicos e de gênero, destacando a complexidade das experiências individuais e ressaltando a importância de abordagens contextualizadas ao analisar o acesso ao lazer em diferentes segmentos da sociedade brasileira. Essas reflexões evidenciam a necessidade contínua de avaliação crítica das estruturas sociais que moldam as experiências individuais e coletivas no Brasil,

promovendo uma compreensão mais abrangente e equitativa das dinâmicas sociais contemporâneas.

A análise dos espaços de lazer, a partir da experiência de lazer da mulher, revela uma intrincada rede de dinâmicas sociais moldadas por questões de gênero, orientação sexual, segurança e poder, evidenciando a necessidade premente de transformações estruturais para garantir ambientes mais inclusivos, equitativos e seguros. A reflexão sobre a interseccionalidade dessas experiências, considerando variáveis como gênero, raça, orientação sexual e classe social, é essencial para uma compreensão mais completa das complexidades que permeiam o acesso ao espaço de lazer. Desafiar as normas de gênero, repensar dinâmicas hostis e enfrentar as barreiras enfrentadas por mulheres – somente por serem quem são: mulheres – são passos cruciais para construir sociedades que valorizem a diversidade e garantam o acesso igualitário ao lazer. Ao repensarmos e transformarmos esses espaços, contribuímos não apenas para a promoção da saúde e bem-estar, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde cada indivíduo possa desfrutar plenamente do direito ao lazer, livre de discriminação e restrições.

A consideração das barreiras, tanto visíveis quanto invisíveis, enfrentadas por mulheres em condições de vulnerabilidade torna-se imperativa na formulação de políticas públicas intersetoriais relacionadas a esporte, lazer e saúde. Destacado no Relatório Movimento é Vida (PNUD, 2017), a necessidade de abordar as especificidades vivenciadas por mulheres pobres, com baixa escolaridade, periféricas, pretas, lésbicas, trans, indígenas e com deficiência etc. visa garantir uma abordagem inclusiva e equitativa. Contudo, a reflexão se faz presente ao examinar como a categoria "mulher" é muitas vezes tratada de maneira simplista e homogênea em pesquisas.

A abordagem proposta por Butler (2019) questiona a suposição de uma única expressão do ser mulher, desafiando a ideia de que todas são enquadradas sob uma única categoria de identidade. Surge a indagação se ser mulher é o único aspecto que define a complexidade de uma pessoa. Além disso, ao unificar todas as mulheres com base unicamente na opressão que enfrentam, há a negligência das taxonomias que conferem poder simbólico, cultural e estrutural a determinados grupos de mulheres sobre outros. A comparação entre mulheres brancas e negras, ou entre mulheres ricas e pobres, revela disparidades significativas em termos de acesso, opressões e violências. Assim, a reflexão sobre essas complexidades é essencial para evitar generalizações que possam perpetuar desigualdades internas, ressaltando a importância de abordagens mais inclusivas e sensíveis às diversidades nas políticas públicas relacionadas a esporte, lazer e saúde (Tavares *et al.*, 2022).

Consideração Finais

O objetivo desse trabalho foi alcançado, pois foi possível, a partir da literatura especializada disponível na Licere e na RBEL, analisar e refletir sobre as barreiras ao lazer feminino. Para além, foi possível elucidar que na atualidade é necessário ampliar o olhar para a mulher, pois nas interseccionalidades possíveis, a mulher *é, está e se expressa* de formas diversas. Reconhecer e abordar essas múltiplas facetas é de suma importância para os Estudos do Lazer contemporâneos, uma vez que agrupá-las de maneira homogênea seria um equívoco a ser evitado.

Após a análise realizada, foi possível identificar diversas barreiras que impactam a experiência de lazer das mulheres, incluindo questões relacionadas ao tempo disponível, cor e raça, recursos financeiros, gênero e sexualidade, bem como espaço e segurança. Em muitos casos, essas barreiras se entrelaçam, agravando ainda mais as

dificuldades enfrentadas pelas mulheres em seu tempo livre. Isso ressalta a urgência de compreensão e adoção de estratégias que visem promover uma vivência mais equitativa e justa no lazer.

A revisão e compilação das informações desempenharam um papel importante nesse processo, destacando a relevância dessa abordagem metodológica. A organização dos dados relacionados a uma determinada temática pode servir como guia para pesquisas futuras, fornecendo direcionamentos e destacando lacunas que ainda necessitam ser exploradas. Os resultados deste estudo sobre as mulheres no contexto do lazer ressaltam a importância de adotar novas perspectivas para compreender essa relação de forma abrangente e significativa.

Embora tenham sido feitos esforços, é importante reconhecer que este estudo possui limitações. Apesar de concentrarmos nossa análise em revistas especializadas, reconhecemos que outras fontes, bases de dados e periódicos poderiam oferecer perspectivas adicionais sobre as barreiras discutidas, especialmente considerando a natureza interdisciplinar do tema do lazer. Essa interdisciplinaridade sugere a necessidade de uma abordagem mais abrangente e inclusiva na busca por compreender as complexidades das experiências de lazer das mulheres.

Para aprofundar nossa compreensão da interseção entre lazer e mulher, e em relação às barreiras reportadas na literatura, novas investigações são indispensáveis. Considerando a multiplicidade e diversidade no “espectro” feminino, estudos que abordem diferentes realidades de trabalho, ocupações, cor e raça, sexualidade, classe social, entre outros aspectos, podem ser fundamentais para ampliar nosso entendimento e desenvolver estratégias eficazes para melhorar a qualidade do lazer feminino. Essas pesquisas têm o potencial de enriquecer nossa compreensão das dinâmicas entre lazer,

trabalho e mulher, contribuindo para a criação de ambientes mais inclusivos e equitativos.

Espera-se que este trabalho possa contribuir academicamente para a ampliação de perspectivas nos Estudos do Lazer, destacando a relevância da diversidade feminina e como essas barreiras impactam de maneira distinta em cada contexto. Ainda, almeja-se que este estudo promova uma reflexão mais aprofundada sobre as experiências de lazer das mulheres e suas interações com as diferentes dimensões sociais, culturais e econômicas. Socialmente, almeja-se que as conclusões deste estudo possam alimentar discussões e iniciativas que visem a criação de uma realidade mais inclusiva, que verdadeiramente permita que todas as mulheres desfrutem de experiências de lazer satisfatórias.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.; TROVÓ, C. E.; NOGUEIRA, M. W. A academia de ginástica como lazer para mulheres adultas da cidade de Rio Claro - SP. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 32-46, 2010.
- BARBOSA, C.; LIECHTY, T.; PEDERCINI, R. Restrições ao Lazer Feminino: Particularidades das Experiências de Lazer de Mulheres Homossexuais. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 1-22, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BONALUME, C. R. O lazer das mulheres: uma ação política. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 9, n.2, p. 42-60, 2022.
- BONALUME, C. R.; ISAYAMA, H. F. As mulheres na pesquisa o lazer brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 3-24, 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Regulamenta a prática de desportos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 abr. 1941.
- BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Relva**, v.3, n.2, p. 23-39, 2017.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão de identidade. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CONSALVO, M. Confronting toxic gamer culture: a challenge for feminist game studies scholars. **Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology**, n. 1, 2012.

CUNHA, J. D.; CARVALHO, V. T. F. Os estudos sobre as mulheres no lazer nos periódicos *Licere* e *RBEL*. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 356-384, 2021.

DORES, L. A. *et al.* Rompendo os silêncios sobre o perfil do lazer da população negra no Brasil. **Licere**, v. 24, n. 4, p. 324-356, 2021.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do Lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

GARCIA, A. B. Representações sociais da cultura corporal de lazer entre mulheres auxiliares de limpeza. **EFDeportes - Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 85, 2005.

GOELLNER, S. V. *et al.* Lazer e Gênero nos Programas de Esporte e Lazer das Cidades. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-20, 2010.

GOMES, C. L. **Frui vita** – a alquimia do lazer. Belo Horizonte: Atena Editora, 2023.

LIRA, L. C. *et al.* Motivação e Lazer: Perspectivas de um Programa Educativo em Relação ao Gênero e Etnia. In: SAMPAIO, T. M. V.; SILVA, J. V. P (Orgs.). **Lazer e cidadania**: horizontes de uma construção coletiva, Universidade Católica de Brasília: Universa, Brasília, 2011.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: a introdução. 3. ed. Campinas: Papirus, 2006.

MEYER, D. E.; SILVA, A. L. S. Gênero, Cultura e Lazer: Potências e Desafios dessa Articulação. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p. 480-502, 2020.

MONTENEGRO, G. M.; ISAYAMA, H. F. O lazer e a cidade: o olhar dos professores universitários no Pará e Amapá. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 31-51, 2019.

MOREIRA, J. V. F.; COUTO, A. C. P. Mulheres e e-sports: um olhar à luz das motivações e discriminações. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 79-98, 2023.

NASH, M. Gender on the ropes: an autoethnographic account of boxing in Tasmania, Australia. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 52, n. 6, p. 734–750, 2017.

PEREIRA, T. D.; COUTO, A. C. P. Interfaces Trabalho e Lazer: Um Estudo com Jovens Aprendizes no Contexto do Programa Educação e Trabalho (PET). **Licere**, Belo Horizonte, v.24, n.1, p. 1-20, 2021.

PINTO, M. R.; ALMEIDA, M. B. As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, 2014.

PISANI, M. S. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Pontourbe: Revista de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, n. 14, p. 1-9, 2014.

PNUD: IPEA. **Desenvolvimento humano nas macrorregiões brasileiras**. Brasília: PNUD: IPEA: FJP, 2017. 55 p.

RODRIGUES, C. A.; PONTES, A. N. Mensuração do nível de satisfação de usuários de parques urbanos de Belém do Pará. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 91-107, 2020.

SCHELFHOUT, S.; BOWERS, M. T.; HAO, Y. A. Balancing gender identity and gamer identity: gender issues faced by Wang ‘BaiZe’ Xinyu at the 2017 Hearthstone Summer Championship. **Games and Culture**, v. 16, n. 1, p. 22–41, 2019.

SCOCHI, C. G. S. *et al.* Lazer para mães de bebês de risco hospitalizados: análise da experiência na perspectiva dessas mulheres. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto - SP, v. 12, n. 5, p. 727-735, 2004.

SILVESTRE, B. M.; AMARAL, S. C. F. O lazer dos professores da rede estadual paulista: uma investigação comparativa entre os gêneros. **Licere**, Belo Horizonte, v.20, n.1, p. 60-87, 2017.

SOUTTO MAYOR, S. T. *et al.* Barreiras de acesso ao lazer das mulheres segundo raça/cor e classe social nas regiões sudeste e nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.7, n. 2, p.1-22, 2020.

TAVARES, G. H. *et al.* Atividades físicas no lazer: uma análise preliminar sobre os marcadores sociais da diferença. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 9, n.2, p. 220-231, p. 1-12, 2022.

TEJERA, D. B. O.; SOUSA, I. R. C.; SAMPAIO, T. M. V. As relações de gênero na opção de lazer de pessoas atuantes em cooperativas de trabalho. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 1-17, 2013.

VIANA, I. F. **Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer**. 2013. 216 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2013.

WEDIG, J. C. *et al.* Sociabilidade e lazer entre mulheres camponesas: vivências no clube de mães. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 58-81, 2020.

ZOLIDES, A. Lipstick Bullets: labour and gender in professional gamer self-branding. **Persona Studies**, v. 1, n. 2, p. 42–53, 2015.

Endereço do(a) Autor(a):

Vagner Miranda da Conceição

Endereço eletrônico: eefvagner@hotmail.com

Julia Rodrigues de Aguiar

Endereço eletrônico: jraguiar@sga.pucminas.br